

TRABALHO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

Antonia Gardania dos SANTOS¹

Antonio Roberto XAVIER²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo enfatizar o real ideário da educação, que sempre foi e ainda é voltada para os interesses da camada superior, repercutindo assim suas conseqüências no trabalho, onde existe uma relação de práxis sociais, dentre elas está a educação e a assistência social, sendo estas mais complexas do que parece, pois é delas que depende o desenvolvimento intelectual e a formação do ser social emancipado, capaz de construir a própria história.

A educação existe desde que o homem é homem. Ocorre que não havia uma pedagogia metódica como hoje, mas ensinamentos transmitidos pela percepção que a inteligência emitia naturalmente para os demais que o captavam na convivência diária, através da observação. Muito tempo depois é que surge a necessidade de uma instituição responsável pelo aprendizado dos homens que já se encontravam em uma sociedade dividida em classes, de maneira que iniciava-se uma constante luta entre as mesmas, tendo como foco o domínio da classe superior que a todo custo procura manter a inferior submissa e distante do alcance da conquista de uma educação emancipadora.

O acesso à instituição escolar por muito tempo foi tido como regalia de uns poucos, era um referencial da nobreza, enquanto os demais estavam condicionados a continuar se educando por via do natural convívio, informalmente, e conformando-se com sua condição social, pois acreditavam ser uma situação imutável, visto que eram influenciados pela Igreja, que aliada aos nobres amedrontava os fiéis por via da fé, de maneira a crerem que a condição social vinha do berço e assim teria de permanecer. Sendo esta uma situação que perdurou por muito tempo, mas que foi perdendo as suas forças, de forma que uma outra maneira de se “vedar os olhos” teve de ser repensada,

¹ Professora de Educação Básica (1º e 2º anos) do Município de Ocara-CE; Graduanda do IX do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UECE-FECLESC (E-mail: garaplay_22@yahoo.com.br)

² Sjt. da PMCE; Bolsista do Instituto UFC – Virtual – UFC; Doutorando em Educação – UFC; Mestre em Planejamento e Políticas Públicas – UECE; Mestre em Políticas Públicas e Sociedade – UECE; Especialista em História e Sociologia – URCA; Licenciatura Plena em História – UECE. E-mail: historiadoroberto2hotmail.com

assim passou a ofertar uma “educação para todos”, que não é capaz de emancipar sua clientela, mas que é base do trabalho para o qual somos preparados e que existe em seu favor, visando o crescente lucro capitalista e objetivando não nos fazer perceber que somos sujeitos responsáveis por nossa história e que podemos mudar de rumo quando nos conscientizarmos disso.

A BASE DO TRABALHO: EDUCAÇÃO

O Egito é considerado como “berço da civilização” sobre todos os aspectos, entre eles, da educação. Na Antiguidade, os povos gregos foram os educadores dos romanos e desde esses tempos remotíssimos acumularam e transmitiram noções de alto nível, tanto na agricultura, como na agrimensura, assim como de ciências que lhe serviam de base como a geometria, a astronomia e a matemática. E esses conhecimentos eram resultados de um aprendizado muito longo adquiridos quando os homens ainda viviam em uma comunidade primitiva, onde os primeiros passos eram traçados de maneira natural.

A educação não é identificada somente com a existência da escola, dos professores e dos educandos. Na comunidade primitiva ela era uma (...) *função espontânea da sociedade em conjunto, da mesma forma que a linguagem e a moral (PONCE,1992,cap.I,p.19)*. Dessa forma podemos entender que educação existe desde que o homem é homem, apenas não existia pedagogia, já que a transmissão dos conhecimentos não era uma atividade confiada a ninguém. O indivíduo estava á mercê de sua própria capacidade de assimilar conteúdos espontaneamente, através do grupo do qual era parte, pois, (...) *a convivência diária que mantinha com os adultos a introduzia nas crenças e nas práticas que o seu grupo social tinha (...) ajustando-se ao seu ritmo e às suas normas (...) a criança adquiria a sua primeira educação sem que ninguém a dirigisse (PONCE,1992,cap.I,p.18)*. Ainda no antigo Egito, a educação “por si só” continuou prevalecendo entre a maioria por muito tempo, já que a existência de uma escola propriamente dita estava reservada às classes dominantes, baseada em ensinamentos comportamentais e morais harmonizados com as estruturas e as conveniências sociais, ou melhor, com o modo de viver da classe dominante,

caracterizada pela autoridade dos adultos e pela sabedoria daqueles que “prediziam o futuro”. Uma literatura considerada profética e sapiencial, geralmente encontrada nas escrituras bíblicas, sem esquecer da importância dada à retórica, visto que (...) *A palavra é mais difícil do que qualquer trabalho, e seu conhecedor é aquele que sabe usá-la. A propósito, são artistas aqueles que falam no Conselho (...) Reparem que são eles que aplacam a multidão e que sem eles não se consegue nenhuma riqueza...*(MANACORDA,2006,cap.I,p.14).Diante disso se constata a importância de um bom discurso político desde esses tempos, a admiração pelo bem falar e sua influência na política, tendo como referência o Egito e que é a mesma que adotamos até os dias atuais, tendo como principal intuito “apaciar os excluídos”. E poucos foram os não-nobres que tiveram a oportunidade de obter esse conhecimento de modo a enxergar as entrelinhas da realidade em que viviam, o que repercutiu na vontade de conquistar o poder através do intelecto, sendo estes tachados de *charlatões*, demagogos, inimigos da nobreza, que os condenava.

A educação grega herdou muitos aspectos da civilização egípcia. Para as classes governantes, o processo educativo visava prepará-las para as tarefas de poder, como a política, enquanto que para as classes oprimidas não existia nenhuma escola e nenhum treinamento profissional, além de serem intimidados por uma religião politeísta, que pregava a idéia de que os poderosos eram também semideuses, mantendo o povo conformado com uma hierarquia tida como imutável. Porém, com a expansão da educação por todo o mundo, a Igreja católica passou a desempenhar um papel de “tapa olhos” dos submissos, em convênio com a nobreza. Uma religião que pregava ao mesmo tempo, a idéia de que os “desvalidos da sorte” mereciam a sua condição social, pois era vontade de Deus. Assim deveriam conformar-se com sua situação de inferioridade, no entanto, (...) *enquanto o escravo e o servo sofriam sob seus senhores, o cristianismo proclamava que eles eram iguais diante de Deus. Descoberta maravilhosa que respeitava o status quo terreno, enquanto não chegava o momento de alterá-lo no céu...*(PONCE,1992,cap.IV,p.87). Da mesma forma a Igreja católica teve profunda influência na educação do homem feudal, assim como do burguês, até chegar ao ponto dos fiéis começarem a duvidar e a desacreditar em seus preceitos. E quando a classe inferior passou a ser titulada como proletária, a Igreja já havia perdido muito do seu poder influente, além de outras igrejas surgirem em oposição à ela, de maneira que esta teve de realizar uma mudança de postura, optando inclusive em estreitar os laços com os nobres, que posteriormente passou a ser titulado como Estado, um aparente

representante dos interesses do bem comum, que na verdade atua para satisfazer os interesses da propriedade privada. O teórico socialista Karl Marx (1883 – 1918), surge com a idéia de que *a história dos homens é o resultado único e exclusivo das ações deles mesmos*, mudando a antiga concepção de que o homem não tinha poder sobre seu destino. E o meio apontado por Marx para se alcançar uma mudança no sistema ao qual estamos condicionados, seria por meio de uma violenta revolução. Porém, para que este fato viesse a ocorrer se exigiria uma revolução anterior à que foi apontada primeiramente, ainda maior e mais difícil: revolucionar o pensamento do proletariado, o desenvolvendo intelectualmente, de forma que os tornem aptos para captar a realidade do nosso meio, o que só seria possível através de uma educação que vise a emancipação humana, fato que o Estado não anseia, já que este tem como objetivo, manter a massa em constante alienação, para permanecer dominante e que tem como alimento o trabalho explorado, pois,

(...) Para sobreviver, o povo tem que consumir e para consumir é preciso produzir. Uma minoria se apropria dos grandes meios de produção e usa o Estado para legitimar a ordem que lhe permite explorar o trabalho alheio. “Qual é o poder do Estado político sobre a propriedade privada?”, se pergunta o jovem Marx. E ele mesmo responde: “é o próprio poder da propriedade privada” (Leandro Konder: Sociologia para educadores, cap.1, p.14).

Ao realizarmos esse resumo do contexto histórico podemos perceber que conquistas educacionais ocorreram, mas que ainda hoje estamos de muitas formas submetidos ao poderio do sistema capitalista, que visando o lucro nos oferta uma educação que não emancipa, não liberta, mas instrui, formando soldados que (...) *não são considerados como homens, mas como instrumentos de produção, que devem produzir o mais que for possível e custar o menos que puder. (MARX, Manuscritos Econômicos – Filosóficos, p.79)*, ou seja, investir em uma educação de qualidade ainda hoje não faz parte dos propósitos do Estado, portanto, sendo a educação a base do trabalho, pode-se afirmar que esta tem caminhado à passos lentos para tornar-se sólida.

A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

Ao longo da história das sociedades divididas em classes, apesar do desenvolvimento das forças produtivas e do progresso tecnológico, a exploração do

homem pelo homem tem sutilmente, apenas se refinado. Pois essa divisão implica em “homens que pensam” *versus* “homens que produzem”. Como toda a sociedade consome para sobreviver, ela precisa de produção e para isso necessita de uma classe submissa, que controlada pela superior, usa de um aparelho conhecido como Estado, detendo e concentrando o poder nas mãos de uma minoria, no sentido de evitar que mudanças sociais que os prejudique venham a ocorrer, já que isso teria como consequência uma transformação revolucionária na estrutura da sociedade.

Uma educação livre, que tenha o intuito de abrir os olhos dessa classe não é viável, porque a inquietaria de modo a deixar o conformismo de lado, optando por uma atitude revolucionária que transforme a sociedade capitalista, destruindo o seu poder. Um acontecimento que dependeria do aumento da participação ativa e consciente do povo no movimento da história que o homem tem poder de modificar, transformando a sociedade em que vivemos em (...) *uma associação de homens livres, que trabalham com meios de produção coletivos e aplicam suas numerosas forças individuais de trabalho, com plena consciência do que estão fazendo, como uma grande força de trabalho social (MARX, O capital, vol.I)*. Para Marx, a atividade do educador tem seus limites. Lembrando que este não pode ser visto como sujeito capaz de encaminhar a sua sociedade rumo à revolução e a criação de um novo sistema no qual está inserido. Como diz a terceira das “Teses sobre Feuerbach”.

As escolas não são campos aliciadores dessa transformação. Nunca o foram. Por isso, tomar consciência da realidade é um acontecimento raro, geralmente conhecido apenas no contato com o meio acadêmico, que nos apresenta as estratégias do capitalismo que nos passam despercebidas, pois nos mantemos alheios a elas, já que sendo a nossa educação que nos é ofertada um produto do Estado, não tem a pretensão de nos inculcar idéias voltadas para mudanças. Estimular inconformismo e inquietação depende da visão de mundo que o educador possui, transmitindo aos seus alunos não apenas velhos conteúdos de cálculos ou regras gramaticais, entender de história ou ter noções de espaço geográficos, mas emitir convicções que formem nos educandos um senso crítico em relação ao conhecimento da verdadeira realidade da qual é parte integrante.

Marx não desenvolveu nenhum trabalho que tivesse como foco central essencialmente a educação, mas ele faz observações na sua concepção de homem e história. Observações estas que possuem estreita relação desta com a primeira. Para ela a educação é tida como uma atividade essencial à dinâmica da vida em sociedade, uma

via para a estimulação do pensamento crítico, moldado à base de questionamentos referentes à busca da compreensão do funcionamento do sistema do qual somos sujeitos. Os educadores estão cada vez mais se dando conta da repressão política-ideológica a qual são submetidos e que procura a todo custo não permitir que idéias de revolução se mantenham vivas, mesmo que seja no pensamento de uns poucos, pois,

(...) enquanto a sociedade dividida em classes não desaparecer, a escola continuará sendo uma simples engrenagem dentro do sistema geral de exploração, e o corpo dos mestres e de professores continuará sendo um regimento, que como os outros defende os interesses do Estado (PONCE,1992,cap.VIII,p.182).

Ocorre, porém, que essa ambição pelo poder (inata no homem), prejudica e dificulta o alcance de uma educação emancipadora, pois o individualismo crescente na sociedade, impossibilita o desenvolvimento de ações que se voltem para o bem comum. Assim sendo, é utópico imaginar o nascimento de um novo homem, emancipado, formado por uma escola sem a interferência do Estado, permitindo uma educação de base firme no trabalho, como a ditada pelos ideais do socialismo. Embora o capitalismo não seja tido como um *sistema indestrutível*, na visão marxista, convém admitir que a implantação de um regime socialista no mundo contemporâneo exigiria uma demorada e verdadeira “lavagem cerebral” nos indivíduos, já que estes encontram - se profundamente adaptados ao sistema capitalista.

Analisando o histórico da educação escolar, podemos perceber que ela pode ser considerada recente, tendo ainda muito a se desenvolver e que ainda hoje se encontra presa nas mãos de educadores a serviço de seus senhores, sendo que os últimos são responsáveis pela repartição do saber que,

(...) começa desde quando aos poucos usa a escola, os sistemas pedagógicos, as “leis de ensino” para servir ao poder de uns poucos sobre o trabalho e a vida de muitos. Onde um tipo de educação pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los, todos, sujeitos livres que por igual repartem uma mesma vida comunitária; um outro tipo de educação pode tornar os mesmos homens senhores e outro, escravos, ensinando-os a pensarem, dentro das mesmas idéias e comas mesmas palavras, uns como senhores e outros, como escravos. (BRANDÃO,1940, p.27)

Em vista disso pode-se constatar que a educação é uma arma de controle de cunho político. Ela é uma prática social, assim como a saúde pública, a comunicação social e o serviço militar, que tem como fim o desenvolvimento dos indivíduos em todos os aspectos, indo de acordo com as necessidades específicas do seu meio, atuando

sobre a vida e o crescimento da sociedade, tanto em relação às forças produtivas como culturais. E a maneira como os homens se organizam em sociedade, estabelece a educação existente. Determina também como e para quê este ou aquele tipo de educação é pensado, criado e posto a funcionar.(BRANDÃO, 1940, p.76), assim cada sociedade possui o seu sistema de educação próprio de acordo com as suas necessidades, ou de acordo com o que é tido como necessário por classes ou grupos que constituem uma minoria, mas que decide qual será e para quê será implantado o tipo de educação escolhido. E entre uma educação emancipadora e outra que não nos liberta, é preferível para essa parcela minoritária nos impor apenas a última.

A EMANCIPAÇÃO HUMANA

A emancipação humana ainda é um sonho longínquo e a educação é sua via de acesso. Mesmo com tantas conquistas no ramo educacional, ainda nos deparamos com a desanimadora realidade da consagração da desigualdade social, como por exemplo, ver a disputa por vagas nas universidades estatais entre alunos da escola pública pelas vagas nos melhores cursos. Uma disputa injusta, pois diante das deficiências da educação que nos é disponibilizada, é fato lógico que estudantes das escolas privadas possuem uma bagagem mais ampla, possuem condições em investirem em seus estudos na própria propriedade e ainda assim a disputa é aceita como se fosse de igual para igual. O que não é um fato novo, já que,

(...) algumas pesquisas de sociólogos americanos, realizadas desde a década de 50, confirmam que nos Estados Unidos, o filho do operário estuda para ser operário que acaba sendo, e o filho do médico para ser médico ou engenheiro (...) sem esquecer de fazer alarde em festa de formatura quando algum filho de operário consegue sair formado da Faculdade de Engenharia.(BRANDÃO, 1940, P.92)

Ainda assim, esse modelo de educação capitalista quer ser convincente ao dizer que utiliza de democracia, ao disponibilizar o acesso ao saber e que busca produção da igualdade social, quando na verdade tem o seu controle nas mãos de elementos minoritários e não permitindo mudanças sociais que não sejam a favor dos grupos dominantes, que possuem suas práticas legitimadas e por conta disso tenta aplicar a idéia de que busca o bem comum, alimentando uma desigualdade social que deveria ser destruída. A luta por uma educação capaz de emancipar o homem é antiga, tomando corpo com o fortalecimento popular por volta do início dos anos 60, sendo reprimido

diversas vezes e se reerguendo a todo custo posteriormente, por conta da necessidade de se repensar nessa questão, visto que ela demonstra há tempos, rumos de decadência. Porém, sabe-se que, (...) *dentro do sistema capitalista a educação não tem poder de transformação, nem da sociedade, nem dela mesma* (GADOTTI, 2006, p. 171). Pois o capitalismo impõe suas amarras em praticamente todos os aspectos sociais e entre elas, obviamente está incluso a educação, que ainda segundo Moacir Gadotti (2006),

(...) só pode ser transformadora nessa luta surda, no cotidiano, na lenta tarefa de transformação da ideologia, na guerrilha ideológica travada na escola.
Por que ela pode ser transformadora?
Porque o trabalho educativo é essencialmente político – e é o político que é transformador. (GADOTTI, 2006, p. 172)

Ou seja, sendo a política (formal e legitimada) o meio de ocorrerem mudanças, nossas mãos permanecem atadas e a questão longe de ser solucionada, afinal, político e o Estado, encontram-se inseridos em um mesmo grupo e tem em vista os mesmos interesses. Resta-nos, portanto uma luta política informal, que luta na rua, por outro tipo de educação, capaz de promover a emancipação humana, formadora de um novo homem, preparado para um novo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARX, Karl: O capital, Ed. Marinoni, B. Aires, 1918, tradução: Di Justo;

MANACORDA, Mário A. **História da Educação**: da antiguidade aos dias atuais. São Paulo: Cortez, 2006.

PONCE, Aníbal: Educação e luta de classes, São Paulo: Cortez, 1992.

KONDER, Leandro. Art.: Sociologia para educadores, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório – Ed.15. – São Paulo: Cortez, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1940 – **O que é educação?** – 40º reimpr. – São Paulo: Brasiliense, 2001. – (Coleção primeiros passos: 202).

